

**Desordem informacional:  
compreendendo conceitos essenciais**

*Information disorder:  
understanding essential concepts*

Paulo Gerson Olinto DEODATO<sup>1</sup>  
Sandra Regina MOURA<sup>2</sup>

**Resumo**

Vivemos na era da desinformação, na qual conteúdos falsos se espalham pela internet em questão de segundos, influenciando negativamente o funcionamento da sociedade. Não só a democracia é colocada em risco, como também a saúde das populações ao redor do mundo. Esta pesquisa discute os conceitos relacionados as informações falsas. Para atingir este objetivo, analisamos conceitos de diferentes autores por meio de pesquisa bibliográfica com base em autores como Santaella (2018) e Wardle e Derakhshan (2017). Concluimos que os diversos conceitos relacionados à desinformação são essenciais para encontrar soluções para os impactos negativos causados na sociedade por este problema. Esta compreensão permite que jornalistas e educadores possam traçar planos estratégicos de combate à desinformação e produzir materiais que forneçam o conhecimento básico necessário para que o público desenvolva o pensamento crítico.

**Palavras-chave:** Desinformação. informações falsas. Fake news.

**Abstract**

We live in the age of disinformation, in which false content spreads across the internet in a matter of seconds, negatively influencing the functioning of society. Thus, not only is democracy put at risk, but also the health of populations around the world. This research discusses the concepts related to false information. To achieve this objective, we analyzed concepts from different authors through bibliographic research based on authors such as Santaella (2018) and Wardle and Derakhshan (2017). We conclude that the various concepts related to disinformation are essential to find solutions to the negative impacts caused on society by this problem. This understanding allows journalists and educators to draw up strategic plans to combat disinformation and produce materials that provide the basic knowledge necessary for the public to develop critical thinking.

**Keywords:** Misinformation. false information. Fake news.

---

<sup>1</sup> Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: paulolinto123@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: sandra.moura@academico.ufpb.br

## Introdução

A desinformação nas redes sociais não é mais uma novidade. Muito pelo contrário, é um desafio presente na rotina dos jornalistas nos últimos anos. Apesar de não ser novidade, estamos vivendo um processo que demonstra estar em constante evolução. O que antes eram apenas boatos que circulavam “de boca em boca”, agora se transformaram em conteúdos falsos que tentam parecer com notícias jornalísticas, visando aumentar o seu potencial de convencimento. O objetivo era e continua sendo o mesmo: manipular pessoas. Este problema se tornou ainda mais potente com a evolução da tecnologia digital, da internet e com a chegada das redes sociais (JENKINS, 2009).

Dentro deste contexto de informações que circulam nas redes sociais, tornou-se muito popular a expressão *fake news*. Em tradução literal, a expressão significa “notícias falsas”, e ficou muito conhecida com a ascensão de políticos de direita pelo mundo. O ex-presidente americano, Donald Trump, foi o principal responsável pela popularização da expressão. O objetivo de Trump ao usar o termo era atacar o trabalho dos jornalistas, numa tentativa de afetar a credibilidade dos profissionais de comunicação. Isso acontecia constantemente porque ele ficava insatisfeito quando os jornais noticiavam as informações que ele preferia manter privadas, e como não queria que estas notícias prejudicassem sua imagem, tentava fazer com que a população norte-americana descreditasse no jornalismo. No meio do contexto da desinformação, surgem diversos conceitos como pós-verdade, além de diferentes tipos de desinformação (D’ANCONA, 2018).

Este estudo tem como objetivo analisar estes conceitos relacionados à desinformação. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica para estudar conceitos como notícias falsas, desinformação, desordem informacional e o próprio conceito de notícias jornalísticas. Utilizamos autores como Santaella (2018), Wardle e Derakhshan (2017) e Alsina (2009) e informações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ao final da pesquisa, concluímos que trabalhar estes conceitos é um passo muito importante para quem deseja amenizar os impactos da desinformação na sociedade.

## Compreendendo a desinformação

Antes de nos atermos aos conceitos relacionados à desinformação, faz-se necessário visitar novamente um pouco da história do jornalismo e também o conceito de notícia. De acordo com Sousa (2008), “o jornalismo é uma representação discursiva de factos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem”. Nesse sentido, o jornalismo é a narração de histórias reais que acontecem no cotidiano humano. A escolha destas histórias se baseia em diversos critérios, porém basicamente se dá a partir da noção do que é o interesse público. Ainda segundo o autor, as pinturas rupestres são narrativas criadas pelos primeiros seres humanos, que não se enquadram como jornalismo, mas que deixam em evidência a necessidade que o homem tem de contar a sua história para outros. Apesar de esta noção de notícia, a de apenas manter a sociedade informada, ser uma visão um tanto ingênua, uma vez que sabemos que as empresas jornalísticas também trabalham com investimentos e patrocínios, o jornalismo ainda cumpre a sua função de informar (SOUSA, 2008).

Na Idade Média, período entre o Império Romano (séculos IV e V) e o Renascimento (XIV e XVI), a circulação de informações se dava através da oralidade. Eram os viajantes, os guerreiros e os peregrinos que anunciavam as novidades conforme realizavam suas viagens pelo mundo. A troca de informações ainda acontecia de maneira primitiva e eram os pregoeiros que anunciavam estas informações, como no caso de uma execução, por exemplo. No momento da morte, ele relembra para as pessoas presentes sobre os crimes cometidos pelo executado. Foi assim que surgiram os primeiros gêneros pré-jornalísticos: crônicas, cartas informativas e relatos de viagem (SOUSA, 2008).

As crônicas medievais antecederam a reportagem, e, por meio delas, os cronistas registravam tudo o que acontecia na vida dos monarcas e dos nobres. Alguns se restringiam apenas a descrição dos fatos, e outros se dedicavam a enaltecer a imagem desta classe mais rica da sociedade. As cartas informativas geralmente eram elaboradas por cronistas, mas também por monges, diplomatas e funcionários de mercadores com o objetivo de enviar notícias e comentários para lugares mais longínquos. E, por último, temos os relatos de viagens, que deram início a literatura, mas também se aproximavam da reportagem jornalística (SOUSA, 2008).

O Renascimento (entre os séculos XIV e XVI) marcou a transição da Idade Média para a Idade Moderna, e foi caracterizado pelas revoluções culturais e sociais, marcadas

pela consolidação do comércio, surgimento do capitalismo, migração da zona rural para a urbana, o surgimento das primeiras universidades, entre outras modernizações. Nesta fase da história humana, as cartas e as crônicas continuaram a existir, porém novos meios apareceram como forma de comunicação (SOUSA, 2008).

Os almanaques populares, por exemplo, eram publicados com a intenção de divulgar contos, informações sobre agricultura, falar sobre as fases da lua, sobre os dias de festa, entre outros eventos sociais. As folhas volantes, ou folhas noticiosas eram um dos principais elementos pré-jornalísticos da época, uma vez que circulavam disseminando relatos de acontecimentos. Mas foi entre 1444 e 1446 que Johan Genfleisch zum Gutenberg criou um sistema tipográfico responsável pela impressão do primeiro livro: a Bíblia Sagrada. Foi nesta época, no período Renascentista, que surgiu a cultura da escrita. Foi a partir da criação de Gutenberg que os livros passaram a ser impressos, e posteriormente surgiram os primeiros jornais. Como vimos, antes mesmo de existir o conceito de notícias, elas já existiam ainda que “no boca a boca” (SOUSA, 2008).

De acordo com Alsina (2009), a notícia é a representação social da realidade. O autor defende ainda que no processo de construção da notícia existem três mundos distintos: o mundo real (o mundo em si), o mundo de referência (referência do mundo e linha editorial) e o mundo possível (construção da realidade social). Dessa forma, o mundo real é apresentado como aquele com potencial de pesquisa, onde encontramos o objeto de estudo a partir da identificação de um problema inicial. Na sequência, começamos a construir o mundo de referências que irão estruturar o estudo. Por fim, surge o mundo possível, que traz consigo os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa, da ideia proposta. Nesse sentido, o mundo real são os acontecimentos em si, o mundo de referência são as linhas editoriais que organizamos para desenvolver a notícia, e o mundo possível é a construção da realidade social, baseada no conceito de notícia do autor (ALSINA, 2009).

Dentro da discussão sobre o conceito, Gaye Tuchman (1978) aborda os diferentes tipos de notícias. Desta forma, a autora debate sobre as seguintes categorias: *hard news* (notícias duras), *soft news* (notícias suaves), *hot news* (notícias quentes, recentes), *spot news* (notícias imprevistas) e *running stories* (são as que ainda estão em desenvolvimento). Então, as notícias são categorizadas de acordo com seu conteúdo e situação em que acontecem, mas também

precisam ser pensadas de acordo com o público consumidor, se adequando a sua linguagem. E no contexto das *fake news* a lógica é a mesma, pois elas são construídas levando em consideração o receptor da mensagem.

No cenário da desinformação, onde circulam desde conteúdos falsos até os descontextualizados, o termo *fake news* foi o que mais se tornou parte do dia a dia de todos nós. A expressão será discutida devido a sua popularidade, a fim de entender como ficou tão comum na nossa rotina e por que o seu uso é inadequado. Ela é usada para definir informações que não são verdadeiras, mas que são criadas para parecerem verídicas. Os autores que pesquisam desinformação trabalham o conceito, seja aceitando-o ou rejeitando-o. Antes de iniciar a discussão sobre o uso da expressão, devemos apresentar a sua definição:

Notícias falsas costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos (SANTAELLA, 2018, p.23).

Como a autora explica, estas notícias falsas são criadas com o objetivo de enganar e manipular pessoas, e por isso este cenário nos remete a diversas discussões em torno do tema. Santaella também apresenta a definição das bolhas criadas no mundo digital, no qual estamos inseridos. De acordo com a autora, as bolhas ou *filter bubbles* (bolhas-filtro), que ela mesma prefere chamar de bolhas filtradas, é um termo proposto pela ativista da internet Eli Parisier por volta de 2010. Ela explica que estas bolhas digitais são criadas pelos algoritmos das redes sociais, que são uma inteligência artificial buscando nos conhecer cada vez mais. Quanto mais consumimos conteúdos nas mídias digitais, mais oferecemos dados para que estes algoritmos construam uma personalidade digital de cada usuário (SANTAELLA, 2018).

Eles reconhecem nossos gostos musicais, opiniões políticas, a forma como nos vestimos, entre outros temas. Ao fazer este reconhecimento, eles passam a nos oferecer conteúdos baseados nos nossos interesses, nos inserindo dentro desta bolha digital que nos expõe apenas as informações das quais estamos suscetíveis a acreditar. Dessa forma são abertos espaços para a polarização política, que se caracteriza pela divisão entre grupos que se confrontam por não concordarem com as opiniões uns dos outros. Nas redes sociais digitais estes conflitos são reforçados, uma vez que limitam os seus usuários a

informações que fazem parte de sua ideologia, evitando contato com opiniões diversas (SANTAELLA, 2018).

Ainda de acordo com Santaella (2018), os serviços de *streaming*, que em português significa “transmissão”, são exemplos diários para que possamos enxergar esta forma de controle que vivenciamos na era digital. Aplicativos como *Spotify* e *Netflix*, por exemplo, estão a todo momento rastreando nossa forma de consumo. Eles identificam quais artistas costumamos ouvir mais, quais os filmes que mais assistimos e quais os principais gêneros musicais ou filmes buscados em suas plataformas. Eles conseguem responder estas perguntas a partir do monitoramento do nosso comportamento, e passam a nos oferecer mais conteúdos relacionados ao que estamos acostumados a consumir. Logo, há uma tendência do público a ficar preso nestas bolhas, o que dificulta a nossa saída pela busca de conteúdos diferentes dos que estamos acostumados (SANTAELLA, 2018).

Apesar disso, pode-se tomar algumas atitudes com o objetivo de furar estas bolhas. Santaella defende que não é necessário abandonar as redes sociais para conseguir fugir desta manipulação, mas pensar em formas mais conscientes de utilização destas mídias. Uma das medidas defendidas pela autora é largar a postura passiva e olhar de maneira mais crítica para as informações que chegam até nós. Destacam-se nesse ponto alguns questionamentos básicos que podemos fazer: Quem escreveu este texto? Para quem foi escrito? Quais são as intenções do autor? Estas são algumas perguntas que nos colocam em uma posição mais avaliativa, nos dando a possibilidade de questionar as informações que nos são apresentadas. Por isso, Santaella defende que existem muitos conteúdos de entretenimento na internet, e eles podem ser consumidos apenas para nos dar prazer. Nesse sentido, não é necessário fugir das redes, mas pensar em quais são os nossos objetivos ao utilizá-las, e qual a utilidade dos conteúdos que consumimos nestas plataformas (SANTAELLA, 2018).

Nesse sentido, esta manipulação através de algoritmos das mídias digitais acontece também quando pensamos a respeito da desinformação. As informações falsas ganharam força com o advento das redes sociais digitais, mas isso não significa que elas sejam novidade. Os personagens políticos sempre as utilizaram para beneficiar-se, como é o caso de Adolf Hitler, ditador alemão que provocou o holocausto, episódio histórico de tortura e assassinato de grupos minoritários sob o seu comando, com a justificativa de preservar apenas a raça ariana na Alemanha. No ano de 1939, Hitler afirmava em uma

sessão parlamentar por volta das 10 horas da manhã que o Exército polonês teria invadido o território alemão e aberto fogo. Segundo Hitler, a Alemanha estaria atirando de volta desde às 5h45 da manhã. Depois disso, o governo nazista forjou um ataque a uma emissora de rádio alemã e colocou a culpa nos poloneses, usando o fato criado por eles mesmos para justificar a II Guerra Mundial (FREIRE, 2019).

Observe que para que os criadores de desinformação, como aconteceu com Hitler, consigam atingir os seus objetivos é preciso traçar estratégias para que o público seja convencido sobre a informação falsa que deseja espalhar. Por isso, dentro do contexto das informações falsas surge também outra definição: a pós-verdade. O conceito se refere à forma como recebemos os conteúdos falsos que nos são oferecidos. É mais fácil acreditar em uma informação falsa que apela para o nosso emocional e que atinge pontos ligados a crenças preexistentes. Por isso, alguns acontecimentos na política mundial evidenciam o funcionamento das *fake news*, como são fabricadas, por quem são criadas e quais as suas intenções. Um evento iniciado em 2018 e que envolveu a desinformação foi o *Brexit*, abreviação da expressão “*British Exit*”, que significa saída britânica. O termo é utilizado para referir-se a saída do Reino Unido da União Europeia 47 anos depois da criação do bloco econômico, sendo o primeiro país a tomar esta decisão (D’ANCONA, 2018).

A palavra “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano em 2016 pelo *Oxford Dictionaries*, definindo-a como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”, de acordo com D’Ancona (2018). O autor explica ainda que a etimologia da palavra é desconhecida, mas apesar disso, há um consenso geral que defende que ela foi utilizada pela primeira vez em 1992 na revista *The Nation* em um texto do escritor sérvio-norte-americano Steve Tesich. Mas a palavra pós-verdade provoca um impacto considerável na sociedade, que tende a acreditar em ideias que combinam previamente com sua ideologia (D’ANCONA, 2018).

Portanto, este novo mundo acostumado com a mentira torna-se cada dia mais presente, apresentando consequências graves para o bom funcionamento da sociedade e da democracia. E na era da conexão com a internet as pessoas que têm acesso a esta tecnologia podem buscar informações, interagir e usá-las como base para tomar decisões, inclusive políticas. D’Ancona afirma que o blogueiro de política estadunidense David Roberts analisou a situação política-acadêmica e concluiu que, apesar destas pessoas estarem tomando decisões criticamente, elas optam por um posicionamento observando

as ideias que o compõem e que desejam acreditar, e, em seguida, desenvolvem argumentos para reafirmá-las. Em pouco tempo estão categorizadas por grupos divididos por suas características específicas (D'ANCONA, 2018).

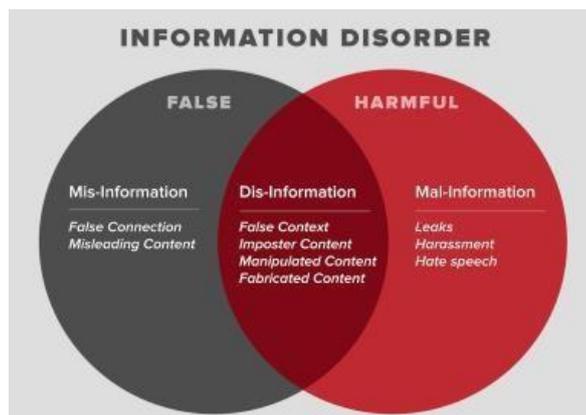
A partir destes conceitos, esta pesquisa opta por utilizar a expressão “informações falsas” em vez de “fake news”, por considerar que o termo “informações falsas” separa de maneira mais clara o que são notícias produzidas por jornalistas e o que são informações baseadas em mentiras com o objetivo de enganar.

A *First Draft* é uma organização sem fins lucrativos que conta com a contribuição de diversos outros jornalistas, e o seu objetivo é combater os efeitos negativos da desinformação na sociedade. Claire Wardle é uma jornalista, co-fundadora e diretora do *First Draft* nos Estados Unidos. Enquanto especialista em desinformação, ela é uma das autoras que discorda do uso da expressão *fake news*, e por isso defende que não devemos utilizá-la. Em relatório publicado em 2017, a autora explica que há duas razões para não utilizarmos o termo: em primeiro lugar a expressão *fake news* é inadequada para descrever um fenômeno tão extenso e complexo que é a desinformação. E em segundo lugar, o termo começou a ser utilizado por políticos com o objetivo de tirar a credibilidade do trabalho dos jornalistas que faziam a cobertura dos seus atos políticos que, para eles, eram desagradáveis, e que por isso queriam manter em segredo (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

Dessa forma, Wardle e Derakhshan determinaram uma nova estrutura para examinar a desordem informacional, conceito de Wardle (2018) para referir-se as informações falsas, identificando os três tipos diferentes: *mis*, *dis*, e *mal-information*. Os termos são diferenciados pelos autores:

- *Mis-information* (informação errada) é quando uma informação falsa é compartilhada, mas sem intenção de causar danos.
- *Dis-information* (desinformação) é quando uma informação falsa é compartilhada conscientemente para causar danos.
- *Mal-information* (má informação) é quando uma informação é verdadeira e privada, mas é compartilhada com o público para provocar danos.

Figura 1: Desordem informacional.



Fonte: <https://bit.ly/3FHPQj5>

A desordem informacional provoca confusão entre a sociedade em geral, não apenas pela sua existência em si, mas também pela diversidade de conceitos que não são tão simples de compreender apenas com a construção da palavra. Além disso, seu entendimento é necessário para nortear as pesquisas científicas relacionadas ao tema. Nesse sentido, aos jornalistas cabe tornar esta linguagem acessível para o público. Abaixo exploraremos os conceitos mais comuns e menos compreendidos, mas que são essenciais para lidar com os desafios que as informações falsas nos apresentam, de acordo com Wardle (2018):

**Algoritmo:** É uma série fixa de etapas que o computador executa a fim de resolver um problema ou concluir uma tarefa. Por exemplo, plataformas de mídias sociais usam algoritmos para compilar o conteúdo que os usuários veem. Esses algoritmos em particular são projetados para mostrar para eles os conteúdos que irão se interessar, com base no histórico de engajamento de cada usuário nessa plataforma.

**Inteligência artificial:** São programas de computador que são treinados para resolver problemas e aprender sobre o comportamento dos usuários da internet, por exemplo. No contexto da desinformação, a inteligência artificial é usada para a produção de informações falsas e disparo destes conteúdos com direcionamento para o público-alvo específico.

**Bots:** São contas de redes sociais gerenciadas por inteligências artificiais. O objetivo é criar, compartilhar conteúdos e interagir com o público, visando ludibriá-los.

Em campanhas de desinformação os *bots* são utilizados para enganar e promover grande movimentação popular para manipulá-los. Os pesquisadores estão sempre em busca de desenvolver diferentes maneiras de rastrear e combater estes *bots*.

**Deepfakes:** Termo usado para referir-se a conteúdos falsos mais elaborados, que unem imagens e áudios para parecer que alguém falou algo que ele nunca disse. Apesar das *deepfakes* ainda estarem em seu estágio inicial, elas representam uma ameaça à democracia e tendem a tornarem-se populares nos próximos anos. Nestas eleições, especificamente em agosto de 2022, a primeira *deepfake* surgiu por meio de um vídeo falso relacionado a jornalista Renata Vasconcelos, da Globo. Na falsa cena, as imagens foram manipuladas e a voz da jornalista foi usada para divulgar resultados inverídicos sobre as eleições. No vídeo, ela aparece informando que o atual presidente brasileiro e candidato Jair Bolsonaro, estaria à frente de Lula, também candidato à presidência. De acordo com a *deepfake*, Bolsonaro teria 44% das intenções de voto, enquanto Lula teria 32%. Os dados foram trocados, uma vez que Lula se mantém à frente (EXAME, 2022).

**Fact-checking:** A checagem de fatos é o processo de análise de conteúdos que circulam pelas redes sociais e demais mídias. O objetivo é desmentir boatos que são compartilhados com o objetivo de enganar. Passam também pelo processo de checagem de fatos as declarações de celebridades e políticos.

**Meme:** A definição formal do termo meme, cunhada pelo biólogo Richard Dawkins em 1976, é uma ideia ou comportamento que espalha de pessoa para pessoa em uma cultura propagando-se rapidamente e mudando ao longo do tempo. O termo agora é usado com mais frequência para descrever fotos com legendas ou GIFs que se espalham no meio online, e os mais eficazes são bem-humorados ou apresentam críticas sociais, políticas e outros temas. Eles estão cada vez mais sendo usados como veículos poderosos de desinformação.

**Trolling:** o ato de postar deliberadamente uma ofensiva ou conteúdo inflamatório para uma comunidade online com a intenção de provocar os leitores ou interromper a conversa. Hoje, o termo *troll* é mais frequentemente usado para se referir a qualquer pessoa que assedia ou insulta outras pessoas online. No entanto, também foi usado para descrever contas controladas por humanos realizando atividades semelhantes às dos *bots*.

Como é possível observar, o fenômeno da desinformação se estende a diversos conceitos que fazem parte da desordem informacional. Nesse sentido, alguns são personagens que atuam nas redes sociais digitais com o propósito de produzir conteúdos

falsos, compartilhar estas informações e finalmente entregá-las diretamente para o grupo que está mais susceptível a acreditar nele. Ao contrário do que muitos dizem, quem acredita nas chamadas *fake news* não o fazem apenas por ignorância. Todos nós estamos vulneráveis aos danos provocados por elas se não nos colocarmos na disposição de parar por alguns minutos e investigar a veracidade da informação, ainda que com uma pesquisa rápida nos buscadores da internet. É preciso desenvolver o pensamento crítico para evitar acreditar em informações falsas, que muitas vezes são produzidas por empresas especializadas, e que comercializam este tipo de informação.

## Conclusão

Para esta pesquisa fizemos um levantamento das principais bibliografias que trabalham conceitos que envolvem a desinformação, e exploramos um autor que discute o conceito de notícia jornalística. Com base neste estudo, inferimos que há diversos conceitos utilizados para tratar do fenômeno, a exemplo de *fake news*, informações falsas, notícias falsas, desinformação, desordem informacional e outros que foram discutidos no estudo. A sua compreensão é o passo inicial e muito importante para que pesquisadores, jornalistas e educadores possam desenvolver estratégias para combater o problema.

A pesquisa contribui com os estudos sobre a temática, oferecendo, inclusive, conceitos utilizados na linguagem da comunicação digital. Além de *trolls* e *bots*, há também as *deepfakes*, que são uma evolução das informações falsas, uma vez que abandona o conteúdo textual e leva a desinformação para vídeos. Este conceito em específico pode ficar como sugestão para novos pesquisadores, que verão a presença destes conteúdos se tornar mais forte nos próximos anos.

A desinformação está presente em portais que tentam se passar por portais jornalísticos, mas também atua nas redes sociais em forma de *tweets* (publicações da rede social *Twitter*), e em formato de memes, linguagem com tom de humor presente nas redes. Por isso, há certa urgência na compreensão destes conceitos para que possamos lidar com o problema e trabalhar em materiais que contribuem com a orientação da população sobre o pensamento crítico em relação a estas informações falsas.

## Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- D'ANCONA, Mathew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- EXAME. **Deepfake mostra pesquisa falsa na voz de Renata Vasconcellos, do Jornal Nacional**. 2022. Disponível em: <Deepfake mostra pesquisa falsa na voz de Renata Vasconcellos, do Jornal Nacional | Exame> Acesso em: 29 set. 2022.
- FREIRE, Débora Fabiane da Silva. **Discurso e força estética das notícias falsas**. Dissertação – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008. Livro eletrônico.
- SANTAELLA, Lucia. **A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. Livro eletrônico, não paginado.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. 2008. Tese – Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media e Jornalismo.
- TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. (Org.). Florianópolis: Insular, 2016.
- WARDLE, Claire. **Information Disorder**: The Essential Glossary. 2018. Disponível em: <<https://journalistsresource.org/politics-and-government/information-disorder-glossary-fake-news/>>. Acesso em 06 jun. 2021.
- WARDLE, Claire; DERAKHSHAN. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe, 2017.